

O Exercício da Subjetividade em Confissões de Santo Agostinho²

Maria Célia Ribeiro da Silva

Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus Campina Grande

Avenida Tranquilino C. Lemos, 671 – Dinamérica – Campina Grande / PB

celiaribeiros@hotmail.com

RESUMO: A figura afetiva e irreverente de Santo Agostinho é representativa de um homem envolto em dúvidas e especulações relativas a questões do corpo e do espírito, numa busca incessante da descoberta de Deus como fonte de toda a verdade. Esse é o alicerce de uma de suas obras mais conhecidas – “Confissões” (1987) -, um relato autobiográfico em que o autor se expõe ao exercício da subjetividade, do autoconhecimento, ao travar um movimento entre a racionalidade humana e a onipotência divina, momento em que se deixa entrever, talvez, um rasgo de liberdade humana em Agostinho, mas só nesse momento, visto que, ao final das Confissões, essa liberdade é suplantada por um homem já converso, desejoso de louvar e dar glória a Deus. O objetivo deste ensaio é, portanto, refletir como o exercício da subjetividade está esboçado em alguns livros da obra “Confissões”, considerando o conceito de livre-arbítrio, que depois será retomado pelo bispo hiponense em “O livre-arbítrio” (1995), obra em que trata do problema da liberdade humana e da existência do mal, abordando a sua essência e origem.

Palavras-chave: corpo, espírito, subjetividade, livre-arbítrio, Deus.

ABSTRACT: *The affectionate and irreverent figure of Santo Agostinho is representative of a man involved in doubts and speculations as regard with the issues of body and spirit, a relentless pursuit of discovery of God as the source of all truth. This is the foundation of one of his best known works - “Confissões”(1987) - an autobiographical account in which the author exposes himself to the exercise of the subjectivity, the self- knowledge, engaging in a movement between human rationality and divine omnipotence, when in which a dash of human freedom, perhaps, lets to be glimpsed in Augustine, but only this time, as in the end of the Confissões, this freedom is supplanted by a man already convert, eager to praise and give glory to God. This essay has as objective, therefore, to reflect how the exercise of the subjectivity is outlined in some books from the book “Confissões,” considering the concept of free- will, which is then taken over by the hiponense bishop in “O livre-arbítrio” (1995), book in that discusses the problem of human freedom and the existence of evil, focusing in its essence and origin.*

Keywords: *body, spirit, subjectivity, free will, God.*

² Este ensaio resulta das exposições e discussões oriundas das aulas da Prof^a Dr^a Sandra Luna, constituindo-se o trabalho final da disciplina *O herói no drama moderno – Apogeu e crise da subjetividade*, oferecida no semestre 2010.2, do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB.

“Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei!”

Santo Agostinho

O presente ensaio tem como objetivo refletir sobre a representação da subjetividade a partir da formulação inicial do conceito de livre-arbítrio, que se vislumbra na obra *Confissões* (1987), de Santo Agostinho, particularmente nos livros VII e VIII. Nesses escritos, de cunho autobiográfico, Agostinho faz uso, por um lado, da racionalidade, para debruçar-se sobre si mesmo e refletir sobre as tensões de um homem prisioneiro de uma vontade dividida e dilacerada entre os desejos da carne e do espírito; por outro, já converso, realiza um exercício de sublimação do desejo carnal face à vontade divina. É justamente nesse movimento travado entre a racionalidade humana e a onipotência divina, operado por Santo Agostinho nas *Confissões*, que se sobressai uma provável marca da subjetividade nesse autor.

Não se trata aqui de enxergar o pensamento agostiniano simplesmente sob as lentes de uma doutrina cristã, como pressupõe a perspectiva teológica, visto que, sendo um relato autobiográfico, é o conhecimento de si mesmo, o mergulho na interioridade que conduz o homem à vinculação com o divino (no caso, a conversão moral de Agostinho). Assim, o tema gerador da discussão neste texto é o modo como esse percurso é atravessado pela racionalidade, pelas constantes indagações e reflexões que faz Agostinho sobre o tema da liberdade humana, associado à problemática do mal.

Insinua-se a partir daí a formulação do conceito do livre-arbítrio, centrado na liberdade que o homem deve ter para decidir a favor do bem ou do mal, o que faz das *Confissões* (ou pelo menos parte desse relato) um texto relativamente moderno, e seu autor, que viveu na angustiante busca da verdade, despontar como alguém responsável pelas suas escolhas morais. No entanto, essa liberdade humana não está posta em sua totalidade nos escritos de Agostinho, visto que o pensamento humano é cerceado ou invadido pela divindade, a ponto de a própria formulação do texto agostiniano constituir-se como a descoberta de construção de uma verdade – a de que o conhecimento supremo existe por si mesmo e é a fonte de todo o bem.

Antes de tratar dessa questão, que está vinculada à discussão do tema do livre-arbítrio, quando o autor exercita sua subjetividade, mas não se afasta da vontade divina, é importante traçar um perfil da figura afetiva e irreverente que

foi Santo Agostinho e destacar de que maneira sua escrita confessional põe-se em harmonia com seu autoconhecimento, convertendo-se posteriormente em sabedoria para louvar e dar glória a Deus.

Conhecido pelas suas *Confissões* e pela obra *O livre-arbítrio*, consideradas *best-sellers* do Ocidente, Santo Agostinho (Aurelius Augustinus), nascido em 13 de novembro de 354, em Thagaste, situada na atual Argélia, foi um vulto da filosofia cristã. Oriundo de uma família modesta – do meio rural – cujo pai (Patricius) era pagão e a mãe (Mônica) uma cristã fervorosa, Agostinho deixou no rastro de sua história a imagem de um homem dado à afetividade e ao mesmo tempo adepto de postura subversiva para sua época, de forma que “é frequentemente apresentado como um farrista que Deus acabará por ter a seu lado”, no dizer de Jerphagnon (2004), um especialista francês no estudo sobre Agostinho.

É verdade que o amor esteve presente em sua vida de forma fervorosa, principalmente na juventude, “que coisa me deleitava senão amar e ser amado?”. Em Cartago, onde viveu quatro anos estudando, frequentou bordeis e desenvolveu o gosto por teatro, palco onde vários tabus eram encenados, como o tabu do corpo, do sexo. Uma vivência (vale ressaltar) que não esteve livre de sofrimento, de sensação de culpa, de forma que estava sempre buscando descobrir as causas desse comportamento pervertido. Nesse sentido, Jerphagnon (*op.cit*), numa tentativa de salvaguardar a imagem de Santo Agostinho ou de traçar um perfil diferenciado do bispo de Hipona, acrescenta:

“[...]Certamente ele era bastante inclinado às atividades amorosas, mas não mais do que outros jovens da sua idade. Em Cartago não viveu como asceta, obviamente. A cidade era quente – dizia-se: “a Cartago de Vênus” –, e ele soube aproveitá-la. Agostinho irá até censurar-se por ter, durante uma missa, arranjado um encontro cuja natureza podemos adivinhar... Com apenas dezessete anos, ele vivia com uma moça da qual nunca

saberemos nada e que lhe deu um filho no ano seguinte. Ele seria fielaela durante catorzeanos. Contrariamente a tudo o que se diz a seu respeito, ele teve juízo excepcionalmente cedo” (p. 27).

Outros amores, não tão “ardentes”, dominaram a vida de Agostinho: sua mãe, cuja morte o abalou fortemente, e a quem faz referência em suas “Confissões” (escritas entre os anos 397-398); seu filho, Adeodato, que morre aos 17 anos, e muitos amigos que também se foram. Curioso e esperto desde menino, buscando entender o porquê das coisas, Agostinho tornou-se um homem de formação clássica, acumulando conhecimentos de natureza diversa – literária, filosófica, jurídica –, embora tenha sido menos eficaz no conhecimento de línguas – jamais dominou o grego. (Cf. JERPHAGNON, *op.cit.*).

Foi promovido à cátedra da eloquência, dedicou-se ao ensino e ao estudo das escrituras, porém não foi em frente com esse estudo, afeiçoando-se ao maniqueísmo, seita que rejeitava a bíblia pelo fato de os maniqueístas acreditarem que o mundo era o resultado do conflito entre o bem e o mal. No entanto, essa doutrina não atende à busca espiritual de Agostinho, que descobre, posteriormente, em Aristóteles e nos discípulos de Platão (Plotino e Porfírio) os indícios da verdadeira intuição da filosofia. É por intermédio dos sermões de Santo Ambrósio a que assistiu e da leitura das epístolas do também converso São Paulo, que se aproxima cada vez mais do cristianismo, iniciando a partir daí seu trabalho de conciliar o neoplatonismo e o cristianismo. Foi sagrado bispo de Hipona, em 396, época em que escreveu “Confissões”, relato onde se vislumbra os primeiros pensamentos de sua filosofia.

Agostinho morreu no dia 28 de agosto de 430, deixando-se conhecer por suas posições e pela publicação de uma obra considerável. A tendência para a transgressão e para as ideias arrivistas se refletiria, mais tarde, no seu relato de conversão, desnudando o homem que foi em oposição ao que se transformou no presente, com a descoberta de Deus como fonte de toda verdade.

Nada mais inovador para a época em que viveu Agostinho do que fazer uso da escrita para examinar a pessoa dele por ele mesmo, sob a forma de um diário confessional, em que expôs fatos significativos de uma vida permeada pelo con-

flito entre razão e fé. Segundo Jerphagnon (2002), ninguém falava de si mesmo antes de Agostinho, ou pelo menos havia aprofundado tanto o “eu sou”, visto que a exposição do “eu” era menos valorizada em relação à escrita pública, representativa da sociedade, do grupo ou do clã. A escrita de si, na antiguidade greco-romana, prestava-se ao indivíduo falar da pessoa pública que era, ou das ações relevantes que fazia para a sociedade.

Nesse sentido, o que há de novo no relato autobiográfico desse hiponense é a abertura à “introspecção, à experiência da subjetividade e a sua expressão literária”. Ao mergulhar na própria individualidade, Agostinho usa a racionalidade como forma de conhecer a si mesmo e dá ao outro a possibilidade de se reconhecer em certas passagens de suas confissões, afinal, não há escrita de si que não tenha muito do outro.

Contudo, esse exercício de autoconhecimento, que realiza no âmbito de sua narrativa de conversão, não está ainda a serviço de uma subjetividade autêntica, quando é dado ao homem Agostinho a abertura para escolher, mas a favor da afirmação da divindade, a quem louva já na abertura das *Confissões*, reconhecendo que o homem não é nada diante de Deus: “‘Sois grande, Senhor, e infinitamente digno de ser louvado’. ‘É grande o vosso poder e incomensurável a vossa sabedoria’. O homem, fragmentozinho da criação, quer louvar-Vos [...]”. (*Conf.* I, 1,1, p.09).

Mais adiante – no poema “Tarde Vos Amei!” –, sente-se seduzido e se delicia da experiência de amar a Deus, ao mesmo tempo em que se penitencia por tê-lo amado tardiamente:

“Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar- Vos! Disforme lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco!

Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria se não existisse em Vós. Porém chamastes-me com uma voz tão forte que rompestes a minha surdez! Brillhastes, cintilastes e logo afugentastes a minha cegueira! Exalastes perfume: respirei-o, suspirando por vós. Saboreei-Vos, e agora tenho fome e sede

de Vós. Tocaste-me e ardi no desejo da vossa paz” (*Conf. X*, 27,38, p.190).

Este é o Agostinho convertido, consciente de quanto tempo havia perdido na vida em busca de uma verdade que já estava posta: Deus é “o supremo e sumo Bem”. A conversão aqui não é mais do que uma desvelação dessa Verdade, que habita no interior do ser humano. Qual seria, então, o *locus* da liberdade humana? É possível o livre-arbítrio? Até que ponto o homem é livre para decidir entre o bem e o mal?

O caminho para descobrir esse conhecimento supremo, que não chega a ser abarcado pela racionalidade, é tortuoso para Agostinho e se faz, no livro VII, capítulo I, das *Confissões*, por meio da problematização do mal e de sua relação com Deus. Para discorrer sobre os melindres dessa questão, é preciso, antes, se ter uma ideia (ou não se esquecer) da luta interior que se travava em Agostinho antes de sua conversão, expressa sob a forma de duas vontades: “[...] uma concupiscente, outra dominada, uma carnal e outra espiritual, batalhavam mutuamente em mim. Discordando, dilaceravam-me a alma.” (*Conf. VIII*, 5,10, p.134-135).

A atitude de inquietação e angústia que escravizou o pensamento agostiniano, durante toda sua juventude, estava posta em função da vontade da carne, constituindo-se um empecilho para a libertação do espírito. Neste fragmento de suas *Confissões*, Agostinho reconhece esse aprisionamento:

“O inimigo dominava o meu querer, e dele me forjava uma cadeia com que me apertava. Ora, a luxúria provém da vontade perversa; enquanto se serve à luxúria, contrai-se o hábito; e, se não se resiste a um hábito, origina-se uma necessidade. Era assim, que, por uma espécie de anéis entrelaçados – por isso lhes chamei cadeia –, me segurava apertado em dura escravidão. A vontade nova de Vos honrar gratuitamente e de querer gozar de Vós, ó meu Deus, único contentamento seguro, ainda se não achava apta para superar a outra vontade, fortificada pela concupiscência” (*Conf. VIII*, 5,10, p.134).

A rejeição ao corpo, aos prazeres da carne, passa a ser um pensamento que se cristaliza ao longo das reflexões agostinianas. Pressentindo que “a lei do pecado estava em (seus) membros”, procura transfigurar o puro desejo carnal na experiência divina, no prazer em amar a Deus. O desejo de escapar do corpo, que é lugar das tentações, da luxúria, da gula, converte-se em “fome”, “sede” (Cf. “Tarde Vos Amei”) e “gozo” de Deus, que é sustentação da vida.

Segundo Le Goffe e Truong (2010), a Idade Média influenciou muito a depreciação do corpo e do sexo por meio de alguns de seus ideólogos, dentre os quais se destaca Agostinho, homem da igreja à época. A leitura do mito do *Gênesis*, do ponto de vista do Cristianismo, leva à condenação do pecado da carne, uma vez que tende a transformar o pecado original em pecado sexual, “já que era mais fácil convencer o bom povo de que a ingestão da maçã decorria da copulação mais que do conhecimento, a oscilação ideológica e interpretativa instalou-se sem grandes dificuldades” (p.51), nos termos daqueles historiadores.

Na verdade, a desobediência de Eva e Adão constitui o emblema da busca do conhecimento ilimitado, vedado ao homem, que quer tudo saber e conhecer, em insistente diálogo com a onipotência divina. Entretanto, é sob a perspectiva da sexualidade que se instaura a interdição e o controle do corpo, representativo das tensões vividas por Agostinho: “Arrojava-me, derramava-me, espalhava-me e fervia em minhas devassidades, e Vós em silêncio!”. (*Conf. II*, 2,2, p.29).

Rangendo-se em função dessas questões relativas ao corpo e ao espírito, não há que se admirar que o bispo de Hipona tenha se voltado também para a problemática do mal e de sua relação com o livre-arbítrio, a ponto de esboçar, já nas *Confissões*, uma noção dessa teoria, que será desenvolvida de forma aprofundada na obra *O livre-arbítrio* (1995), pautada no diálogo que estabelece com Evódio, seu amigo, batizado pouco antes da sua conversão.

Não tendo um entendimento claro e nítido da causa do mal³, levantada pelos maniqueus, para quem havia duas divindades supremas presidindo o universo (o princípio do Bem e o do Mal), Agostinho é, várias vezes, no decorrer de seu caminho a Deus, oprimido e sufocado por esse pensamento, sendo motivado a confessar:

Esforçava-me por entender (a questão) – que ouvia declarar – acerca de o livre- arbítrio da vontade ser a causa de praticarmos o mal, e o vosso reto juízo o motivo de o sofrermos. Mas era incapaz de compreender issonitidamente” (*Conf.VII, 3,5,p.109*).

Seria o livre-arbítrio da vontade a causa de praticarmos o mal? Onde estaria, então, a origem deste mal, “se Deus, que é bom, fez todas as coisas? Sendo o supremo e sumo Bem, criou bens menores do que Ele; mas enfim, o Criador e as criaturas, todos são bons. Donde, pois, vem o mal?” (p.111). Agostinho revolve-se em dúvidas e especulações em torno do tema e formula a seguinte teoria:

“Procurei o que era a maldade e não encontrei uma substância, mas sim uma *perversão da vontade desviada da substância suprema* – de Vós, ó Deus – e tendendo para as coisas baixas: vontade que derrama as suas entranhas e se levanta com intumescência” (*Conf. VII, 16, 22, p, 120 - Grifo do autor*).

Segundo o hiponense, o livre-arbítrio é um dom concedido pelo Criador, sendo, pois, já considerado um bem. Assim, o homem peca porque não faz uso adequado desse bem, que não está na base da racionalidade, já que as escolhas, de acordo com Agostinho, são governadas pelo sentido interior, que é precedente à razão. Ou seja, se por um lado, é preciso ter o livre-arbítrio para se ter boa ou má ação; por outro, essa liberdade é tolhida, pois já se configura como

uma faculdade orientada para o bem. (Cf. *O livre-arbítrio, op.cit.*).

Tem-se, pois, um Bem médio, ou uma “meia liberdade”, se assim podemos chamar, visto que está submetida à sabedoria divina, para quem o conhecimento do bem existe por si mesmo, é presentedivino, independente de sentidos exteriores, escapa ao domínio da razão. Na perspectiva agostiniana, cabe ao homem apreender esse conhecimento supremo e fazer a opção pelo bem. O exercício da subjetividade aqui parece interdito por um Deus onipotente e onipresente, um “olheiro”, que tudo observa e tudo determina, descoroando um momento que talvez fosse de grande autonomia da liberdade humana em Agostinho.

As contribuições posteriores de São Tomás de Aquino (no seu estudo da *Suma Teológica*), relativas a essa discussão, se afastarão em parte desse caminho traçado pelo hiponense. Para Tomás de Aquino, o livre-arbítrio não é um hábito natural, orientado para o bem, ou algo que se possa cultivar, antes é um ato da “potência apetitiva”, que tem por regra o querer, a possibilidade de concretizar o apetite. Escolhe-se pelo desejo e pela razão. Ao homem é dado conhecer para comparar e escolher, de modo que estamos sempre fazendo escolhas em direção a um fim. O livre-arbítrio é, portanto, nesse sentido, vontade, já que o escolher tem por regra o querer. Para São Tomás de Aquino, “O homem é dotado de livre-arbítrio, do contrário, os conselhos, as exortações, as recompensas e os castigos seriam vão”.

Para Luna⁴, o *Fausto*, de Goethe (2004), é um exemplo de grande autonomia na formulação da liberdade humana, ainda que tenha escolhido o sofrimento, “a danação”, o mal como representação dessa liberdade. Nesse texto dramático, observa-se o conflito de um homem desejoso de elevar-se espiritualmente, para desvendar os mistérios da vida, no entanto, acaba frustrado em seu intento, cedendo aos desejos e prazeres terrenos, ao vender sua alma ao diabo. A partir daí experimenta toda sorte de desgraça – distanciada da vontade divina –, mas a serviço do exercício da subjetividade humana, da liberdade para escolher.

³ O problema do mal pode ser examinado sob o ponto de vista de três níveis: metafísico-ontológico, físico e moral. No entanto, para Agostinho, prevalece o mal moral, visto que este é o desvio voluntário da norma da razão, da liberdade humana, concedida por Deus (Cf. *O livre-arbítrio, op.cit.*).

⁴ Trata-se de um comentário da professora Sandra Luna do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPB, numa aula ministrada na disciplina *O herói no drama moderno – Apogeu e crise da subjetividade*, no período 2010.2.

Resta que Santo Agostinho, no seu relato confessional, vence a luta das duas vontades (da carne e do espírito) por meio do livre-arbítrio, entendido como a liberdade concedida por Deus para escolher o bem, não o mal, já que este é “*a perversão da vontade, desviada da substância suprema*”. Tal como o apóstolo Paulo, entregue aos tormentos de sua vida pessoal e desejoso de fazer a vontade de Deus (Cf. *Rom* v.7, 22-23), Agostinho, prestes à conversão, reconhece:

“Também eu estava certo de que o entregar-se ao vosso amor era melhor que ceder ao meu apetite. Mas o primeiro agradava-me e vencia-me; o segundo aprazia-me e encadeava-me. [...] Mostrando-me Vós, por toda parte, que faláveis verdade, eu, que já estava convencido, não tinha absolutamente nada que Vos responder senão palavras preguiçosas e sonolentas: ‘Um instante, um instantinho, esperai um momento’. Mas este ‘instante’ não tinha fim, e este ‘esperai um momento’ ia-se prolongando.” (*Conf.* VIII, 5,12,p.135).

O auge de sua conversão acontece a partir de uma experiência mística vivida em um jardim em Milão, quando, atormentado, ouve a seguinte voz: “*Toma e lê; toma e lê*”. O que se segue a esse episódio é a leitura que faz Agostinho, ao acaso, dum capítulo do livro das Epístolas do Apóstolo, que diz:

“Não caminheis em glotonarias e embriaguez, nem em desonestidades e dissoluções, nem em contendas e rixas; mas revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não procureis a satisfação da carne com seus apetites” (*Conf.* VIII, 12,29, p.144).

Estava, pois, suplantado o passado pagão de Agostinho, mas não sem dor, sem resistência, posto que no rastro de um exercício investigativo e tenso de si mesmo em busca da liberdade humana.

7. Referências

AGOSTINHO, Santo. *Confissões. De Magistério (Do mestre)*. 4.ed. Tradução de J. Oliveira Santos, S.P., e A. Ambrosio de Pina, S.J. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores).

_____. O livre-arbítrio. São Paulo: Paulus, 1995. Disponível em: <http://www.docstoc.com/docs/1039343/Santo-Agostinho---O-Livre-Arb%C3%ADtrio> Acesso em: 10 fev.2011.

AQUINO, São Tomás de. *A suma teológica*. Tradução de Alexandre Correia. Disponível em: <http://permanencia.org.br/drupal/node/8> Acesso em: 20 jan.2011.

BÍBLIA. O homem sob o domínio do pecado. Português. A bíblia - Tradução ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 1995. Cap.7, vers. 22-23.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. *Fausto: uma tragédia*. São Paulo: Editora 34, 2004.

JERPHAGNON, Lucien. Agostinho, santo e subversivo. Tradução de Mariana Tachinardi Mizurini. *História Viva*. São Paulo: Ediouro Publicações, jan/2004.

_____. *Santo Agostinho ou a consciência desnuda*. 2002. (Texto traduzido). Disponível em: http://marciacl.typepad.com/na_linha/2006/07/alg_uns_precurso.html Acesso em: 10 fev.2011.

TRUONG, Nicolas & LE GOFF, Jaques. *Uma história do corpo na Idade Média*. 2.ed. Tradução de Marcos Flaminio Peres. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.